

A cidade na mira da cidadania

Comissão de arquitetos em alerta permanente sobre os pontos críticos de Brasília

Ailton dos Santos



Luiz Philippe (Federação dos Arquitetos) e Luiz Gouvêa (Sindicato dos Arquitetos) querem a Comissão eficaz

A Comissão Brasília, mantida há sete anos pelo Sindicato dos Arquitetos do DF e IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil - Seção Brasília), vai dedicar os três próximos meses ao debate de temas que considera "fundamentais no cotidiano da cidade": o uso inadequado da Rodoviária, o plano de adensamento populacional (Setor Sudoeste, Setor Oeste) e a criação de espaços culturais e de lazer nas cidades-satélites.

Luiz Alberto Gouvêa, 36 anos, presidente do Sindicato dos Arquitetos, e Luiz Philippe Torely, 35, vice-presidente da Federação Nacional dos Arquitetos, integram a Comissão Brasília. Para justificar a atuação desse organismo, os arquitetos lembram que dois temas exaustivamente debatidos - o "Eixão da Morte" e a arborização dos estacionamentos - mobilizaram a comunidade.

No caso do Eixão, lembra Luiz Alberto, "promovemos, depois de exaustivas discussões, concurso de idéias, do qual participaram 102 brasilienses". Um grupo de adolescentes da 107 Sul gerou a idéia vencedora: "transformar o Eixão numa avenida com semáforos e faixa de pedestre, já que hoje ele se assemelha a uma auto-estrada. A faixa central, dita presidencial, seria transformada num canteiro, semelhante ao que divide ao meio a W-3 (Sul e Norte)".

Esta idéia foi apresentada ao Cauma (Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente), mas não teve sua viabilização aprovada. "Em compensação", lembra Luiz Philippe, "nossas observações sobre os estacionamentos da cidade - verdadeiras ilhas de calor - foram ouvidas. Tanto que, hoje, o Departamento de Parques e Jardins está arborizando a maioria deles".

Apoio comunitário - Historicamente, a Comissão Brasília vem atendendo a solicitações de movimentos comunitários, em especial, associações de moradores de cidades-satélites e de assentamentos como a Vila Paranoá, Planalto e Areal.

"A Comissão", esclarecem os arquitetos, "posiciona-se pelo assentamento das populações em áreas próximas ao mercado de trabalho, no caso o Plano Piloto, que abriga apenas 25% da população do DF, mas detém 72% do mercado de trabalho".

Torely e Gouvêa lamentam o conceito de "cidade-satélite", por entender que "ele é discriminatório, responsável por este verdadeiro *appartheid espacial* que antagoniza o Plano Piloto às cidades que o cercam".

O Plano Piloto dispõe de serviços públicos de excelente qualidade, enquanto as satélites apresentam carencias gravíssimas. No Plano, devido à setorização excessiva, chegamos a dispor de área como o Setor Comercial Sul (com excelente sistema de iluminação pública, águas, esgotos, telefonia, etc. totalmente ocioso no período noturno).

Em conversa com o Caderno 2, Gouvêa e Torely abordaram pontos que consideram fundamentais para que o brasiliense exerça sua cidadania e participe ativamente dos destinos da cidade.

Tombamento de Brasília - "Foi precipitado. A cidade é um organismo vivo, em permanente mutação. Tombar um conjunto urbano de apenas 30 anos é muito temerário. Veja o Eixão. Ele constitui um problema gravíssimo. As mortes lá verificam-

das são assustadoras. Há que se modifício-lo profundamente. Ao invés de uma auto-estrada, deve tornar-se uma avenida. As passagens subterrâneas que o cortam devem ser limpas e bem iluminadas. Mesmo assim, não se deve esperar que a população as utilize, pois somos regidos pelo princípio da economia. É ilusão pensar que um pedestre vai caminhar 400 ou 500 metros para utilizar uma passagem subterrânea. E isto é necessário, uma vez que as paradas situam-se a 800 metros umas das outras".

Brasília Revisitada - "A proposta de construção de novos núcleos habitacionais feita por Lúcio

Costa no documento *Brasília Revisitada* é correta. Há que se adensar áreas próximas ao Plano Piloto. Somos contrários à transferência de populações faveladas para Brasília ou que áreas sejam Entorno ou da periferia de Brasília. É correto ocupar o Setor Sudoeste, Oeste, etc. Do nosso ponto de vista, errado é construir apartamentos só acessíveis aos cidadãos de classe média alta. Quem pode, hoje, comprar um apartamento no Setor Sudoeste?"

Áreas culturais e de lazer - "Tudo está concentrado no Plano Piloto. Aqui há dezenas de auditórios, quinze cinemas, vários teatros,

um grande Parque Recreativo. Enquanto isto, satélites como Taguatinga e Ceilândia, que juntas formam uma cidade de 700 mil habitantes, não dispõem de espaços culturais e grandes áreas de lazer público. Até

quando o morador das satélites, se quiser se divertir, terá que se locomover para o Plano Piloto? É justo um trabalhador que recorre ao sistema de transporte coletivo - que é precário - durante os dias utéis, ter que utilizá-lo, também, para o lazer no fim de semana? Este deslocamento constitui, além de um enorme esforço, gasto de tempo e de dinheiro.

Muitos trabalhadores gastam um terço de seu salário em transporte".

Centro de atração - "É ilusório criar centros de triagem de migrantes. Não adianta levar a população de baixa renda para o Entorno. O crescimento de Brasília se processa na faixa de 7 a 8% ao ano. Falar em

retorno com dignidade é usar uma metáfora para mascarar situação trágica. Na realidade se definem cidadãos de segunda classe, ou seja, aqueles que não têm direito de viver em Brasília. Empurrar os indesejáveis é ferir o mais elementar dos direitos de cidadania".

A superquadra - "A superquadra, célula base do Plano Piloto, é motivo de controvérsia, embora suas qualidades sejam evidentes. Numa superquadra, o cidadão dispõe de área verde, sistema de iluminação, esgoto, águas e coleta de lixo de primeira qualidade. Trata-se de um padrão até muito sofisticado. Pena que o sistema da superquadra não seja aplicado nas cidades-satélites. Lá, os pequenos espaços reservados para área verde não merecem os cuidados necessários".

O papel do Cauma - "O Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio-Ambiente seria o fórum ideal se não contasse, em sua absoluta maioria, com representantes dos setores dominantes, ou seja, de instituições que defendem interesses particulares ou interesses do governador que os nomeia. Infelizmente, a população e os organismos que a defendem não estão nele representados".

Poluição na Rodoviária - "Está aí um absurdo brasiliense, do qual Niemeyer não pode, de forma alguma, ser culpado. Ele criou a Estação Ferroviária para atender ao

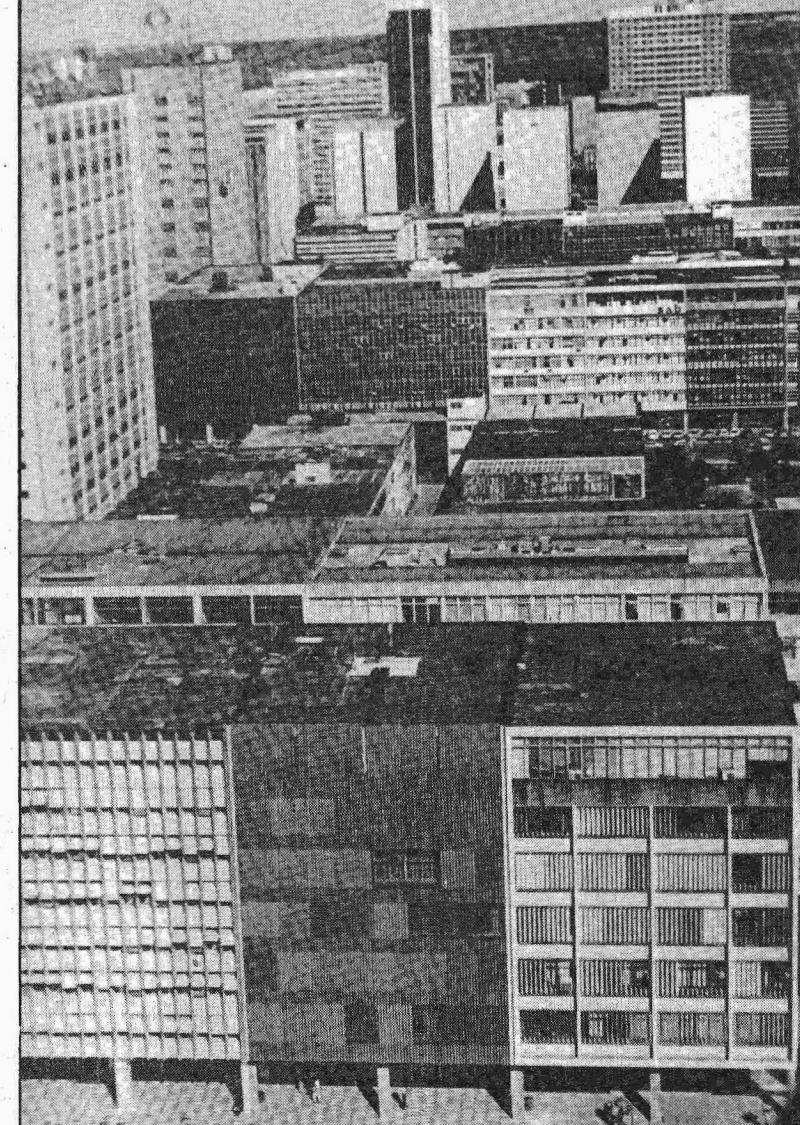
transporte de cargas e passageiros de trens. Foram os governantes que decidiram colocar lá a Estação Rodoviária. Hoje, a população paga o preço, consumindo índices de poluição três vezes maior que o tolerável".

Setorização - "A setorização da cidade é excessiva. Os dois casos que nos parecem mais graves é do Setor Comercial Sul, Setor Bancário (Norte e Sul) e Setor Hoteleiro. Os setores comercial e bancário contam com excelente infra-estrutura urbana (telefones, iluminação, redes de água e esgoto, sinalização, estacionamentos, etc) mas só têm uso no período diurno. À noite, sua cara e exuberante infra-estrutura fica totalmente ociosa. Os usuários do Setor Hoteleiro Norte necessitam caminhar até 500 metros para chegar a um local onde haja vida. São necessárias correcções para setorização tão rígida".

COMISSÃO BRASÍLIA - Projeto de atendimento comunitário mantido pelo Sindicato dos Arquitetos do DF e IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil - Seção Brasília). Contatos na sede dos dois organismos (L-2 Sul, Quadra 603, Lote 21) ou pelo fone: 223-5903.



A Rodoviária é considerada um "absurdo brasiliense"



Símbolo da concentração perniciosa é o Setor Comercial Sul